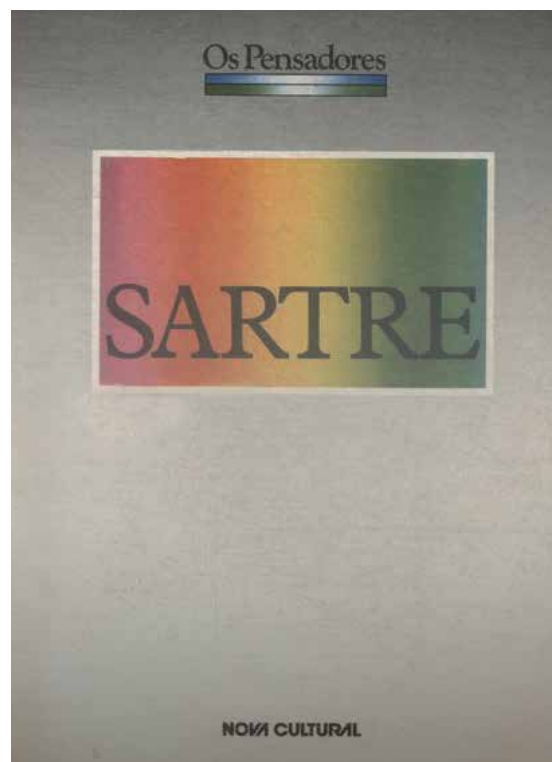


O existencialismo é um humanismo

Jean-Paul Sartre

DOI:10.12957/ek.2018.38287



por Nathan Ramos Vieira

Doutorando em filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro

nvieira1991@gmail.com

SARTRE, J.-P. O existencialismo é um humanismo. In: _____ Os pensadores. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 3-32.

A náusea e as ideias de O existencialismo é um humanismo: uma leitura crítica

Nausea and the ideas of Existentialism is a humanism: a critical reading

Resumo: Tomando como ponto de partida uma apresentação das ideias defendidas por Sartre em *O existencialismo é um humanismo*, dentre as quais se destacam questões relativas à angústia, ao desamparo, ao desespero, a subjetividade e a universalidade do homem, a questão da má-fé, o humanismo existencialista e a transcendência, realizar uma leitura crítica de *A náusea*. Apresentadas as questões principais, terá prosseguimento a leitura do romance publicado em 1938, cujo objetivo será apresentar ao leitor que as ideias apresentadas na conferência que posteriormente foi publicada em 1946 já estavam presentes na *Náusea*, aparecendo em Antoine Roquentin e sua estadia na cidade fictícia de Bouville, onde figuras caricatas e reflexões pessoais exibem a carga dos posicionamentos defendidos em *O existencialismo é um humanismo*.

Palavras-Chave: Existencialismo, Humanismo, Sartre, *A Náusea*

Abstract: Taking as a starting point a presentation of ideas defended by Sartre in *Existentialism is a humanism*, among which stand out questions concerning anguish, abandonment, despair, subjectivity and the universality of man, the question of bad faith, the existentialist humanism and the transcendence, to realize a critical reading of *Nausea*. Having presented the main questions, the reading will continue regarding the novel published in 1938, whose objective will be to present to the reader that the ideas presented at the subsequently published conference in 1946 were already present in *Nausea*, appearing in Antoine Roquentin and his stay in the fictional town of Bouville, where caricatures figures and personal reflections exhibit the load of positions defended in *Existentialism is a humanism*.

Key-Words: Existentialism, Humanism, Sartre, *Nausea*

O existencialismo é um humanismo: as ideias de base para a leitura da Náusea

Em *O existencialismo é um humanismo*, originalmente proferida como uma conferência e, posteriormente, publicada em 1946, Sartre busca responder críticas realizadas por marxistas e católicos à uma suposta ética existencialista. Os marxistas basicamente acusam o existencialismo de incitar a inércia perante o imobilismo que é provocado pelo desespero. Por outro lado, os católicos acusam o existencialismo de ressaltar apenas os pontos negativos da humanidade, desconsiderando os aspectos positivos desta. De início, Sartre (1984, p. 3) busca afirmar que o existencialismo é concebido como uma doutrina que coloca como possível a vida humana e, que declara que toda verdade e ação implicam em um meio e subjetividade humana.

Acerca da existência e essência, no que não se refere ao homem, defende-se que, por exemplo, em objetos, a essência precede a existência. No caso de um operário que constrói determinada ferramenta em uma fábrica, ele sabe de antemão qual função terá a ferramenta em questão. Além disso, existe uma metodologia – uma fórmula prévia à existência de tal ferramenta – que diz ao operário em questão como a ferramenta será construída e qual função a mesma terá após seu processo de produção.

Análogo ao exemplo da ferramenta é a tese de que a essência do homem precederia a existência, pois este seria uma criação de Deus. Entretanto, é ressaltado por Sartre que, mesmo com o advento de um “ateísmo filosófico” do Século XVIII, continua em voga a ideia que, no caso do homem, a essência precede a existência. No caso do Século XVIII, a essência, apresentada *a priori* da existência, não aparece associada à Deus, mas sim à uma suposta “natureza humana”, sobre a qual diz Sartre:

Essa é uma ideia que encontramos com frequência: encontramos-la em Diderot, em Voltaire e mesmo em Kant. O homem possui uma natureza humana; essa mesma natureza humana, que é o conceito humano, pode ser encontrada em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal: o homem. (SARTRE, 1984, p. 5).

O existencialismo ateu, o qual Sartre diz representar, afirma que, no caso do homem, a existência precede a essência: “[...] em primeira instância, o ho-

mem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e posteriormente se define” (SARTRE, 1984, p. 6). O homem, tal como concebido pelo existencialismo sartreano, é indefinível de início, pois ele (o homem) não é nada; a existência só adquire uma essência através do que ele fizer de si próprio.

Ao suprimir a existência de Deus, a ideia de que a essência precederia a existência cai por terra, por não haver um Deus que possa definir tal essência *a priori*; do mesmo modo, ao afirmar que o homem define a sua essência através de seus atos, a ideia de uma “natureza humana” que possa ser apresentada como essência humana perde seu valor, pois cabe a cada homem – através das escolhas que toma em sua existência – definir sua essência. Este aspecto do homem ser aquilo que ele escolhe, que ele faz de si próprio, é o que o existencialismo chama de subjetividade. Sartre chama atenção para a existência de dois significados ligados ao termo “subjetivismo”, a saber:

A palavra subjetivismo tem dois significados, e os nossos adversários se aproveitam desse duplo sentido. Subjetivismo significa, por um lado, escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, impossibilidade em que o homem se encontra de transpor os limites da subjetividade humana. É esse segundo significado que constitui o sentido profundo do existencialismo. Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. (SARTRE, 1984, p. 6).

Ao escolhermos uma determinada coisa em detrimento de outra, estamos realizando uma escolha que também é concernente ao valor daquilo que escolhemos. Para Sartre, nós buscamos sempre escolher o que é bom, e sendo bom para nós também deve ser bom para todos. É desta escolha que surge a angústia.

A angústia pode ser entendida do seguinte modo: Na medida em que o homem se engaja, ele, ao se engajar, decide; e no ato de decidir ele também está decidindo pela humanidade. A angústia então surge do peso e da responsabilidade compreendidos na decisão em questão. Toda decisão é passível de angústia, e essa frequentemente ocorre em casos nos quais a decisão envolva terceiros – como no caso de uma decisão militar, na qual está envolvida as vidas dos militares subordinados àquele que decide –, e por ela, por ter que tomar uma decisão numa situação tal que se encontra angustiado, aquele que decide, antes de decidir,

considera e pondera todas as possibilidades, nesta medida, a angústia caracteriza responsabilidade. Para Sartre é importante que, ao agir, devemos nos questionar quais seriam as consequências se os demais resolvessem adotar a mesma ação. A tentativa de escapar e se isentar deste questionamento virá a caracterizar a má-fé.

O desamparo tem origem na afirmação de que Deus não existe e que esta constatação deve ser levada ao máximo de suas consequências. Um exemplo é que se não há um Deus então não há um bem e uma moral estabelecidos *a priori*. Neste caso, o desamparo está no fato de o homem não ter nele (no caso o homem como existência sem as escolhas que determinarão sua essência) e nem fora dele (no caso, Deus ou uma “natureza humana” tal qual advogada por filósofos do Século XVIII) algo a que se segurar, e nem exemplos a seguir. O desamparo condena o homem a ser livre, livre para decidir. Acerca da condenação ao homem ser livre, Sartre diz:

Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. (SARTRE, 1984, p. 9).

Acerca do desespero, Sartre (1984, p. 12) diz que este é um conceito simples, cujo significado representa que podemos tão somente contar com aquilo que depende de nossa vontade, ou com o conjunto de possibilidades que fazem com que tal vontade – tal ação – seja possível ou não. O desespero é encontrar-se numa situação de dúvida entre as possibilidades passíveis de realizarem-se em decorrência de determinada ação que se venha a tomar. Um homem que deseja efetuar uma viagem tem como possibilidades: (1) que chegue a seu destino, (2) que por algum problema não consiga concluir sua viagem; estes são elementos prováveis para o homem que decide viajar, e ao querer algo, há sempre de se esperar elementos prováveis de se realizar ou não (condizentes com a escolha em questão).

A acusação de que o existencialismo estimularia o quietismo mostra-se falsa, na medida em que a doutrina existencialista estimula a ação do indivíduo, que este tome decisões. “O quietismo é a atitude daqueles que dizem: os outros podem fazer o que eu não posso.” (SARTRE, 1984, p. 13). O existencialismo sartreano opõe-se ao quietismo no que afirma que a essência cabe somente às decisões que o homem tomar para si, sua existência define-se por suas ações.

O existencialismo parte da ideia de uma subjetividade individual, mas o faz por uma questão filosófica, ele não defende que os indivíduos devam viver em um subjetivismo individualista. Sartre coloca como exemplo o *Cogito* cartesiano: “Como ponto de partida, não pode existir outra verdade senão esta: *penso, logo existo*; é a verdade absoluta da consciência que apreende a si mesma.” (SARTRE, 1984, p. 15). Para Sartre, entretanto, ao se apreender, o homem também apreende os demais, de forma que, a subjetividade não configura a defesa de uma doutrina individualista. O *penso, logo existo*, neste caso, é seguido de um reconhecimento que os demais também tomam consciência de sua existência, e que reconhecemos esse fato. Nós nos apreendemos perante o outro e o outro se apreende perante a nós, é dessa forma também a sua condição de existência, a qual, depende que ele seja reconhecido pelos demais para que se possa tornar alguma coisa (definir sua essência) através de suas escolhas.

Embora Sartre recuse a existência de uma “natureza humana” universal, ele admite a universalidade de condição. Há universalidade na medida em que um determinado projeto particular e racional empreendido por um indivíduo possa ser inteligível para os demais. Não se busca dizer que esse projeto em questão determinará o homem durante toda sua existência, a questão de Sartre é a capacidade de outros homens em compreendê-lo, comunicação mútua, compreensão. Segundo Sartre, essa universalidade é algo a ser constantemente construído: “Construo o universal, escolhendo-me; construo-o entendendo o projeto de qualquer outro homem, de qualquer época que seja.” (SARTRE, 1984, p. 16).

Acerca da questão da escolha, Sartre diz que aquilo que não é possível é o homem deixar de escolher, e caso este opte por não escolher também estará realizando uma escolha, a de não escolher. O homem escolhe e se escolhe perante os outros. Sendo toda escolha livre, desprovida de desculpas ou auxílios, Sartre (1984, p. 19) quer dizer que é quando o homem dentro de seu desamparo, vier a estabelecer valores, ele poderá desejar tão somente a liberdade como fundamento absoluto dos valores. Caso não seja um homem movido pela má-fé, os atos humanos tendem sempre a caminhar em direção à liberdade.

Não havendo mais a figura de Deus, os valores, então, precisam ser dados por alguém. Antes de se viver a vida a vida não é nada, é desprovida de essência. Cabe a quem vive dar-lhe sentido, e o valor desta é esse sentido advindo da escolha feita por aquele que vive.

Sartre acaba criticado por se questionar acerca do existencialismo ser um humanismo. As críticas devem-se ao fato de que, em seu romance *A náusea*, Sartre apresentar os humanistas de forma que estes estariam por tomar um posicionamento

errôneo. Entretanto, em *O existencialismo é um humanismo*, Sartre chama atenção para a existência de dois significados distintos para o termo “humanismo”.

Um dos significados diz respeito ao tipo de humanismo que elege o homem como a meta e o valor superior. Este humanismo clássico atribui valor ao Homem em referência à atos individuais, considerados mais elevados, praticados por determinados homens. Para Sartre, é inaceitável o tipo de juízo valorativo do humanismo clássico, não é aceito que um homem possa julgar outro homem, no que diz:

O existencialismo dispensa-o de todo e qualquer juízo desse tipo: o existencialismo não colocará nunca o homem como meta, pois ele está sempre por fazer. E não devemos acreditar que existe uma humanidade à qual possamos nos devotar, tal como fez Auguste Comte. O culto da humanidade conduz a um humanismo fechado sobre si mesmo, como o de Comte, e, temos de admiti-lo, ao fascismo. Este é um humanismo que recusamos. (SARTRE, 1984, p. 21).

Acerca do segundo sentido da palavra “humanismo”, sentido esse que caracteriza o humanismo existencialista, diz Sartre:

Existe, porém, outro sentido para o humanismo, que é, no fundo, o seguinte: o homem está constantemente fora de si mesmo; é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz com que o homem exista; por outro lado, é perseguindo objetivos transcendentais que ele pode existir; sendo o homem essa superação e não se apoderando dos objetos senão em relação a ela, ele se situa no âmago, no centro dessa superação. (SARTRE, 1984, p. 21).

O homem encontra-se fora de si mesmo, para poder “existir”, é necessário que ele busque objetivos transcendentais. É na transcendência (que se dá num movimento espontâneo) que o homem vem a se realizar. Por exemplo: o homem que decide escrever um livro, no momento em que está escrevendo se dá a transcendência, e ele se torna escritor. O universo humano é o universo da transcendência como a superação da subjetividade, reconhecendo a existência dos outros homens.

Não existe outro universo além do universo humano, o universo da subjetividade humana. É a esse vínculo entre a transcendência, como elemento constitutivo do homem (não no sentido em que Deus é transcendente, mas no sentido de superação) e, a subjetividade (na medida em que o homem não está fechado em si mesmo, mas sempre presente num universo humano) que chamamos humanismo existencialista. Humanismo, porque recordamos ao homem que não existe outro legislador a não ser ele próprio e que é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo; e porque mostramos que não é voltando-se para si mesmo mas procurando sempre uma meta fora de si – determinada libertação, determinada realização particular – que o homem se realizará precisamente como ser humano. (SARTRE, 1984, p. 21-2).

O existencialismo sartreano, segundo definição própria (1984, p. 22), apresenta-se como o esforço para retirar as consequências de uma postura ateia. O ateísmo não é uma mera negação da existência de Deus, mas sim para afirmar que mesmo na hipótese de sua existência ela não alteraria o papel da existência e da essência humana. Para Sartre o homem deve decidir e agir por si mesmo, realizar uma escolha ao invés de permanecer inerte no aguardo de uma providência divina.

A Náusea: apresentação geral

Originalmente publicado na França em 1938, *A náusea* é um romance de Jean-Paul Sartre onde estão presentes questionamentos existencialistas. O personagem principal, Antoine Roquentin, é um homem viajado, que decide instalar-se na pequena cidade fictícia de Bouville, com o intuito de ter acesso aos documentos da biblioteca local a fim de escrever um livro acerca da vida do Marquês de Rollebon, figura fictícia que teria vivido no Século XVIII.

Roquentin seria o símbolo de uma geração desencantada, que se encontra perante o vazio do cotidiano e que descobre a ausência de sentido da vida. O personagem possui olhar crítico, observa meticulosamente a cotidianidade, as pessoas e suas ações, a previsibilidade e monotonia destas. Ele constata a solidão do mundo moderno e suas relações rasas, vazias, superficiais e mecânicas, que resultam em um sentimento de solidão, onde encontra-se só, perante o mecanismo das relações do homem moderno.

O cotidiano de Bouville retrata a futilidade e a frivolidade que a sociedade utiliza como distrações e desculpas para se isentar de reconhecer sua própria liberdade e responsabilidade. Roquentin recusa-se a participar dessas ilusões coletivas, não se vê justificado em sua existência. Vivendo sem amigos, uma das poucas coisas que parece lhe agradar é a música *Some of These Days* interpretada por Ella Fitzgerald, e sua ex-namorada Anny, cuja lembrança aparece como o vínculo dele com seu passado.

Dentre os demais personagens do romance destaca-se a figura do Autodidata, figura que representa uma busca exacerbada pelo conhecimento, no que seu empreendimento principal consiste em ler todos os livros da biblioteca local em ordem alfabética. Esta figura claramente humanista considera como uma felicidade e um mérito o fato de Roquentin estar escrevendo um livro, além de afirmar que o mesmo é sortudo por todas as viagens que realizou. O embate entre os dois – figuras que representam formas antagônicas de se enxergar a vida – se dá na cena do almoço, que para além de um embate pessoal representa a contraposição entre o humanismo existencialista de Sartre e o humanismo clássico.

O desespero

O desespero diz que podemos contar apenas com o que depende de nossa vontade e/ou do conjunto de possibilidades que fazem com que a ação de nossa vontade seja possível ou não.

Um exemplo pode ser encontrado na carta que Roquentin recebe de Anny (SARTRE, 2016, p. 87). A carta menciona que ela estará em Paris dentro de alguns dias, e pede que Roquentin a encontre no hotel d’Espagne. Ele então se recorda de uma ocasião em Tânger, na qual recebeu um bilhete dela pedindo que ele fosse vê-la imediatamente, entretanto, quando chegou a seu quarto a recepção dela não foi tão efusiva. Ele passa então a cogitar as possibilidades, pensa que pode ir vê-la nas que ela não o receberá, ou então que irão lhe informar na portaria do hotel que não há nenhuma pessoa hospedada com esse nome, ou talvez que daqui alguns dias ela lhe escreverá novamente informando que mudou de ideia. Todas essas possibilidades, entretanto, dependem da decisão dele em ir encontrar ela, decisão esta que ele toma: “Sem dúvida reverei Anny, mas não posso dizer que essa ideia me torne exatamente alegre.” (SARTRE, 2016, p. 88).

Outra passagem na qual Roquentin mostra desespero perante as possibilidades ocorre quando em um dia de forte nevoeiro no bulevar da Redoute, ele

resolve entrar no café Mably (SARTRE, 2016, p. 100). Chama a atenção a conversa do garçom com alguém no telefone, no qual afirma que o dono do café (sr. Fasquelle) não está, que ele já deveria ter descido de seu quarto (localizado no segundo andar), e, que geralmente ele desce por volta das oito. Uma senhora entra no café para informar que a empregada faltaria ao trabalho, ao ver que o dono ainda não havia descido, e associando o dia de forte nevoeiro, a senhora questiona “e se tivesse morrido...”, o garçom do café não gosta do questionamento, entretanto ele faz com que Roquentin reflita: “E se tivesse morrido... Esse pensamento me ocorreria. É bem o tipo de ideia que o tempo de nevoeiro estimula.” (SARTRE, 2016, p. 102). Ele é tomado pelo desespero, gostaria de saber o que de fato aconteceu com o dono do café, cogita as possibilidades acerca do sr. Fasquelle, poderia estar dormindo ou ter morrido, no caso de ter morrido poderia ainda estar na cama ou ter caído morto ao chão. Ao ver a escada que levaria ao andar superior ele decide-se, levanta e resolve subir, entretanto é impedido pelo retorno do garçom. Ele dirige-se então à biblioteca, mas não consegue deixar de se questionar acerca do que teria acontecido com o sr. Fasquelle, se já havia descido, não conseguia se concentrar em seu trabalho, então decide mais uma vez: “Não tenho tempo a perder: na origem desse mal-estar há a história do café Mably. Tenho que voltar lá, tenho que ver o sr. Fasquelle vivo; se necessário, tenho que tocar em sua barba ou em suas mãos. Então talvez me liberte.” (SARTRE, 2016, p. 108). Ele retorna rapidamente ao café, entra e encontra-o vazio, chama pelo garçom, entretanto ninguém responde, sai do café andando de costas, olhando sempre para a escada que levaria ao segundo andar e ao quarto do sr. Fasquelle, entretanto, dessa vez ele não toma uma decisão, deixa o café cogitando:

Bem sei: às duas da tarde são raros os fregueses. O sr. Fasquelle estava gripado; certamente mandara o garçom em alguma incumbência – procurar um médico talvez. Sim, mas acontecia que eu *precisava* ver o sr. Fasquelle. No começo da rua Tournebride me voltei, contemplei com repugnância o café cintilante e deserto. No primeiro andar as persianas estavam baixadas. (SARTRE, 2016, p. 108).

Entretanto, desta vez Roquentin não se decide, e, perante as possibilidades é tomado pelo pânico, que o faz vagar sem rumo pela cidade.

Humanismo clássico e humanismo existencialista

Acerca do humanismo clássico, Sartre opõe-se a este pelo fato de colocar o homem como meta e valor superior, atribuindo valor aos homens em referência aos atos individuais mais elevados de alguns homens. Essa forma de humanismo realiza juízos de valor, entretanto, para Sartre, um homem não pode julgar outro homem. O existencialismo não coloca o homem como meta, pois o homem está sempre a se fazer – através de suas escolhas (responsáveis por dar uma essência a sua existência) –, deste modo, não há uma humanidade (uma “essência humana”) à qual possamos nos dedicar, impossibilitando que se atribua determinados atos como mais elevados e como modelos.

Em oposição ao humanismo clássico, Sartre apresenta o humanismo existencialista. Conforme Sartre, o homem encontra-se constantemente fora de si, devendo perseguir objetivos transcendentais, pois é através destes que é possível o homem fazer sua existência, através da superação do “fora de si”, que se dá na transcendência com a realização de seus objetivos. No âmbito da subjetividade humana, a transcendência (abertura, salto) apresenta-se como elemento constitutivo do homem, a subjetividade não significa que o homem esteja fechado em si, pelo contrário, ele está em um universo humano.

O embate entre estas duas visões de mundo – o humanismo clássico e o existencialismo de Sartre – se dá na cena do almoço do Autodidata com Roquentin (SARTRE, 2016, p. 141).

Autodidata busca – ao fazerem os pedidos – pedir o melhor que esteja ao agrado de Roquentin, questionando, após ele escolher a entrada se não há algo melhor (SARTRE, 2016, p. 143), mudando o pedido dele, mesmo que este saia por quatro francos a mais. O almoço prossegue e o Autodidata contempla a entrada de um casal no restaurante.

Ao dizer que havia ido ao museu ver os quadros – retratos de membros da burguesa local – o Autodidata questiona se Roquentin não teria visto as esculturas, para ele, estas estariam dotadas de um valor estético mais elevado.

O Autodidata pega um caderninho de anotações e pergunta se pode ler algo relativo à pintura, no que Roquentin assente, ele lê: “Ninguém mais acredita no que o século XVIII considerava verdadeiro. Por que se desejaria que ainda experimentássemos prazer com as obras que eles consideravam belas?” (SARTRE, 2016, p. 148-9). Ele questiona então se Roquentin já havia lido a sentença em algum outro lugar, no que ele responde negativamente o Autodidata então afirma que a sentença é falsa, pois se fosse verdadeira alguém já a teria pronunciado. Torna-se evidente então que o Autodidata considera como

verdadeiras as “verdades” do Século XVIII, o qual Sartre, em *O existencialismo é um humanismo*, aponta como um século cujos valores seriam os valores do humanismo clássico.

Para o Autodidata, o sentido da vida não precisa ser procurado muito distante, para ele há uma finalidade, que são os homens. Nisso Roquentin se lembra que ele é um humanista, e reflete que o amor dele pelos homens é ingênuo, sendo ele um “humanista de província” (SARTRE, 2016, p. 153). O Autodidata então, diz ser necessário contar o que ele era e o que ele se tornou. Começa assinalando que a transformação começou no período em que ele esteve prisioneiro na Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial. Reflete então sobre seu passado: “Antes da guerra eu estava só e não me dava conta disso; vivia com meus pais, que eram boas pessoas, mas não me entendia bem com eles. Quando penso naqueles anos... Como pude viver assim? Estava morto, senhor, e não percebia; tinha uma coleção de selos.” (SARTRE, 2016, p. 154).

Recorda então que se engajou na guerra sem saber exatamente o motivo e que caiu prisioneiro no final de 1917, e que foi no campo de prisioneiros que ele passou a acreditar nos homens. Lembra-se que quando chovia os prisioneiros eram colocados em um galpão apertado:

Uma das primeiras vezes que nos fecharam nesse galpão, era tal o aperto que inicialmente pensei que ia sufocar; depois, subitamente, uma forte alegria surgiu em mim, quase desfaleci: senti então que amava aqueles homens como irmãos, gostaria de beijá-los a todos. Depois disso, cada vez que lá retornava, experimentava a mesma alegria. (SARTRE, 2016, p. 155).

O galpão então adquire um caráter sagrado, pois foi nele que seu amor pelos homens teve início. Após esta experiência, ele passa a frequentar a Igreja, não por crer em Deus, mas por questionar-se se o verdadeiro mistério não seria a “comunhão entre os homens” (SARTRE, 2016, p. 156). Revela que foi solto em 1919, tornou-se então socialista e que após tal escolha deixou de sentir-se só, passando a observar os homens, a buscar o valor de cada um deles, e que – como socialista – eles são sua finalidade, o objetivo de seus esforços.

Roquentin então se lembra dos diversos humanistas que conheceu e constata: “Todos eles se odeiam entre si: como indivíduos, naturalmente – não como homens. Mas o Autodidata não sabe disso: fechou-os todos dentro de si mesmo como gatos num saco de couro, e eles se entredilaceram sem que ele perceba.” (SARTRE, 2016, p. 159).

Roquentin então – ao ser interpelado pelo Autodidata – diz que não compartilha de seus sentimentos, neste momento o Autodidata então conclui que ele serve a causa (aos homens e ao humanismo clássico) através de sua atividade de escrever, entretanto Roquentin lhe diz que escreve por escrever. Essa atitude de escrever por escrever configura a transcendência, ele supera a subjetividade ao escrever, no momento em que escreve dá-se a transcendência (como um salto, um acontecimento espontâneo), ele se faz escritor, não por escolher ser escritor, mas por transcender. A espontaneidade da transcendência aparece na resposta dele, que “escreve por escrever”, e ao escrever ele se torna algo, escritor.

O Autodidata discorda, no que diz: “– Que me digam: escrevo para uma determinada categoria social, para um grupo de amigos. Ótimo. Talvez o senhor escreva para a posteridade... Mas, querendo ou não, escreve para alguém.” (SARTRE, 2016, p. 159). Para o humanismo representado na figura do Autodidata é inconcebível que a ação de Roquentin seja exercida sem que possua como finalidade uma suposta humanidade. Ao “escrever por escrever”, ele escapa dos juízos valorativos do humanismo clássico, sua ação não visa o bem da humanidade e nem a engrandecer o homem, logo, não pode ser tomada como exemplo de uma ação elevada.

Roquentin busca não cair no jogo do Autodidata, no que diz: “– Acho – digo ao Autodidata – que não se pode odiar nem amar os homens.” (SARTRE, 2016, p. 160). A frase dele mostra os princípios do humanismo existencialista de Sartre, ele não pode nem amar nem odiar os homens pois, *a priori*, estes não são nada, não há uma essência humana universal estabelecida por Deus, tampouco uma “natureza humana” tal qual defendida pelos filósofos do Século XVIII (mencionados por Sartre em *O existencialismo é um humanismo*), o homem, a princípio, é apenas existência, sua essência é dada através das escolhas que este faz, e sem saber quais serão. Ele não pode emitir um juízo (característica aliás, pertencente ao humanismo clássico e que Sartre rejeita) sobre os homens, seja esse positivo ou negativo.

O Autodidata discorda de Roquentin e diz que é preciso amar os homens, no que percorre o olhar para as demais pessoas no restaurante, num movimento como se dissesse também amar a todos que estavam ali. Roquentin reflete que o amor exacerbado do Autodidata pelos homens deve-se a solidão que este sentiu após deixar o campo de prisioneiros (SARTRE, 2016, p. 164). O amor dele pelos homens é um tanto quanto raso, como se sentisse a necessidade de amá-los, e não o fruto de um engajamento livre.

Roquentin então é acometido por uma crise da náusea e deixa o restaurante.

A natureza da náusea

Roquentin é um observador, observa a cidade, os cidadãos e o cotidiano. Como figura simbólica do existencialismo, para ele, há uma falta de fundamento; a rotina de Bouville adquire então um ritmo letárgico, e, ao se perceber inserido nesta rotina, neste mundo, ele começa a sofrer com a náusea.

A náusea começa quando Roquentin constata mudanças nas impressões que os objetos e os acontecimentos do cotidiano lhe causam. Ele reconhece (SARTRE, 2016, p. 15) que algo mudou, embora ainda não soubesse dizer o que, apenas que aquilo que se alterou mudou a forma pela qual sua relação se dá até mesmo com objetos simples e pessoas familiares. Até coisas com as quais era habituado começam a lhe provocar uma sensação de estranheza, a impressão que ele recebe destas já não são as mesmas.

Roquentin reconhece então que a mudança se deu nele, e não nos objetos e no cotidiano, deu-se na forma em que estes são apreendidos. O personagem diz que a náusea não está nele, não é uma sensação interna, ela está ao seu redor, encontra-se nos objetos que lhes transmitem a impressão da náusea:

Sua camisa de algodão azul sobressai alegremente contra a parede cor de chocolate. Também isso me dá a Náusea. Ou antes, *é* a Náusea. A Náusea não está em mim: sinto-a ali na parede, nos suspensórios, por todo lado ao redor de mim. Ela forma um todo com o café: sou eu que estou nela. (SARTRE, 2016, p. 35).

E ao deixar o lugar no qual se encontrava, a náusea lá permanece: “A Náusea ficou lá, na luz amarela. Estou feliz: esse frio é tão puro, tão pura essa noite; não sou eu mesmo uma onda de ar gelado? Não ter sangue, nem linfa, nem carne. Correr por esse longo canal em direção àquele palor. Não ser senão frio.” (SARTRE, 2016, p. 43).

Entretanto, é durante o almoço com o Autodidata que Roquentin chega a uma melhor compreensão acerca da náusea. Ele constata (SARTRE, 2016, p. 165-6) que existe, tal qual o mundo, e que ele sabe que o mundo existe, mas que é necessário dar origem a um acontecimento, dar origem à existência. No que diz após ter deixado o restaurante e adivinhando o que os demais que se encontravam ali estariam pensando, sem ter que olhar pela vidraça para ver a reação dos que lá estavam: “[...] pensavam que eu era como eles, que eu era um

homem, e os enganei. De repente perdi minha aparência de homem e eles viram um caranguejo que fugia, recuando, dessa sala tão humana.” (SARTRE, 2016, p. 167). A passagem demonstra a tomada de consciência de que o homem não pode ser pensado de antemão, de que ele se difere de objetos cuja essência pode ser pensada antes que de fato estes objetos sejam feitos. Perdeu a aparência de homem pois deixou de se ver dentro dos moldes de uma essência humana dada antes da existência. Seja essa essência fundada em Deus, seja numa suposta “natureza humana”. É ao pensar no significado de “existir” que se dá a tomada de consciência, no que diz:

Não posso dizer que me sinto aliviado nem contente; ao contrário, me sinto esmagado. Só que meu objetivo foi atingido: sei o que desejava saber; compreendi tudo o que me aconteceu a partir do mês de janeiro. A Náusea não me abandonou e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro: a Náusea sou eu. (SARTRE, 2016, p. 170).

Roquentin confirma então que não são as coisas, os objetos que causam a náusea, mas que ele também faz parte dela, que ele também é contingente:

Esse momento foi extraordinário. Eu estava ali, imóvel e gelado, mergulhado num êxtase horrível. Mas, no próprio âmago desse êxtase, algo de novo acabava de surgir; eu compreendia a Náusea, possuía-a. A bem dizer, não me formulava minhas descobertas. Mas creio que agora me seria fácil colocá-las em palavras. O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente *estar aqui*; os entes aparecem, deixam que os *encontremos*, mas nunca podemos *deduzi-los*. Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. (SARTRE, 2016, p. 176).

A má-fé

Para Sartre, a má-fé seria a atitude de fugir perante a decisão que caracteriza a angústia, de se isentar de tomar uma decisão. Também pode ser percebida quando o indivíduo busca se enquadrar em um determinado padrão, em um modelo pré-determinado. Roquentin, ao estar no museu de Bouville vendo os quadros, reflete: “O que aquelas telas escuras ofereciam a meus olhos era o homem repensado pelo homem, com a mais bela conquista do homem como único ornamento: o buquê dos Direitos do Homem e do Cidadão. Admirei sem reservas o reino humano.” (SARTRE, 2016, p. 124).

Os quadros vistos por Roquentin não apresentavam apenas um retrato daqueles indivíduos que serviram de modelos para os pintores, eles exibiam um modelo de homem criado artificialmente, no caso, de um homem cuja essência teria sido pré-determinada pela carta dos Direitos do Homem e do Cidadão, referência ao ideal de homem dos iluministas.

A burguesia local também se mostra desta forma, como um modelo pré-determinado, não apenas em seus representantes já falecidos e retratados em quadros expostos no museu, Roquentin era capaz de distinguir com facilidade entre as velhas famílias de comerciantes que residiam no alto do Coteau Vert e os novos ricos que residiam no boulevard Maritime:

Com o tempo que venho a essa rua para ver os cumprimentos de chapéu aos domingos, aprendi a distinguir as pessoas do boulevard e as do Coteau. Quando um sujeito está usando um casaco novo em folha, chapéu de feltro flexível, camisa resplandecente, é muito espaçoso, não há o que errar: é alguém do boulevard Maritime. As pessoas do Coteau Vert se distinguem por um não sei o quê de lastimável e deprimido. Tem os ombros estreitos e um ar de insolência nos rostos gastos. Juraria que o senhor grandalhão que está segurando uma criança pela mão é do Coteau: seu rosto é inteiramente cinza e ele dá o nó na gravata como se ela fosse um barbante. (SARTRE, 2016, p. 66).

Embora tenha tido uma vida agitada, o Marquês de Rollebon também estaria enquadrado em um destes modelos no que exerce a atividade de diplomata e segue os ritos característicos desta. Assim se explica o crescente desinteresse

de Roquentin em escrever seu livro, culminando com a decisão de não escrever sobre o Marquês de Rollebon, pelo menos não de forma biográfica.

Roquentin: angústia, desamparo e desespero

O melhor seria anotar os acontecimentos dia a dia. Manter um diário para que possam ser percebidos com clareza. Não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda quando pareçam insignificantes, e sobretudo classifica-los. É preciso que diga como vejo esta mesa, a rua, as pessoas, meu pacote de fumo, já que foi *isso* que mudou. É preciso determinar exatamente a extensão e a natureza desta mudança. (SARTRE, 2016, p. 11).

A decisão de Roquentin em manter um diário para anotar “aquilo” que mudou aponta o momento em que ele – mesmo sem ter consciência disto – começa a notar a questão da contingência, essa relação na qual os objetos passam a lhe causar estranheza mostra o início do apercebimento acerca da gratuidade da existência.

Roquentin mudou-se para Bouville com a finalidade de escrever um livro de caráter historiográfico sobre a vida do Marquês de Rollebon, personagem fictício que teria sido um diplomata no século XVIII. Entretanto, a tarefa se mostra progressivamente desinteressante para ele, que passa a dedicar mais tempo a observar a cotidianidade da cidade e do *Rendez-vous* des Cheminots, local em que passa a ser frequentador. Acerca da solidão do mundo moderno, cujo cotidiano é marcado pela previsibilidade, monotonia e pela banalização das relações humanas. Ele reflete:

Quanto a mim, vivo sozinho, inteiramente só. Nunca falo com ninguém; não recebo nada, não dou nada. O Autodidata não conta. É verdade que existe Françoise, a dona do *Rendez-vous* des Cheminots. Mas falo com ela? Algumas vezes, após o jantar, quando me serve um chope, pergunto-lhe: – Dispõe de tempo essa noite? Ela nunca diz não e eu a sigo até um dos quartos grandes do primeiro andar, que ela aluga por hora ou por dia. Não

lhe pago: fazemos amor *au pair*. Ela sente prazer (necessita de um homem por dia e tem muitos outros além de mim) e me purgo assim de certas melancolias cuja causa conheço muito bem. Mas raramente conversamos alguma coisa. Para que? Cada um por si; a seus olhos, aliás, continuo sendo, antes de mais nada, um freguês do café. (SARTRE, 2016, p. 18-9).

A questão da contingência, de que nada na vida é deliberado, o acaso e a gratuidade da vida, Roquentin reflete acerca destes temas ao observar um dos quadros no museu:

Compreendi então tudo que nos separava: o que eu podia pensar a seu respeito não o atingia; não passava de psicologia como a que se faz nos romances. Mas sem julgamento me trespassava como um gládio e questionava até meu direito de existir. E era verdade, sempre me apercebera disso: eu não tinha o direito de existir. Surgira por acaso, existia como uma pedra, uma planta, um micróbio. Minha vida se desenvolvia ao acaso e em todos os sentidos. Enviava-me às vezes sinais vagos; outras vezes eu percebia apenas um zumbido sem importância. (SARTRE, 2016, p. 117).

Ao “surgir por acaso”, Roquentin se depara com o desamparo, que – conforme a definição de Sartre em *O existencialismo é um humanismo* –, na ausência da existência de Deus e de uma moral *à priori* sobre a qual o homem tenha apoio para sua essência e existência, ele se vê condenado a ser livre. A condenação do homem à liberdade faz com que a escolha seja necessária, e é a partir de suas escolhas que o homem vem a definir a essência de sua existência.

A essência depende das escolhas que tomamos em nossa existência. Para Sartre, ao escolhermos para nós também estaríamos escolhendo pelos demais, a angústia nasce da tomada de consciência da responsabilidade contida na escolha, do peso que está contido nessa decisão. Esse é o peso da existência, que Roquentin reconhece do seguinte modo: “A existência não é algo que se deixe conceber de longe: tem que nos invadir bruscamente, tem que se deter sobre nós, pesar intensamente sobre nosso coração como um grande animal imóvel – do contrário não há absolutamente nada mais.” (SARTRE, 2016, p. 177).

O livro sobre o Marquês de Rollebon: contingência e transcendência de Roquentin

Roquentin havia se instalado em Bouville tendo em vista seu empreendimento de escrever um livro sobre a história do Marquês de Rollebon. A escolha por Bouville não foi apenas por ser uma cidade pequena, sem as agitações de Paris, mas pela biblioteca local, que possuía um acervo no qual constavam documentos acerca do diplomata Rollebon. Entretanto, ele progressivamente perde o interesse por sua tarefa, o que lhe rendeu tempo para as demais observações e reflexões presentes na *Náusea*.

O encontro com Anny que ocorrerá em alguns dias é utilizado por Roquentin – de forma inconsciente – como uma justificativa – para si mesmo – de sua falta de engajamento com o livro:

Escrevi quatro páginas. A seguir um longo momento de felicidade. Não refletir muito sobre o valor da História. Corre-se o risco de perder o gosto por ela. Não esquecer que o sr. de Rollebon representa hoje em dia a única justificativa de minha existência. Daqui a oito dias vou ver Anny. (SARTRE, 2016, p. 99).

Roquentin ainda não havia tomado consciência acerca da necessidade da transcendência, por isso, mesmo se tornando cada vez mais uma tarefa desinteressante, o livro sobre o Marquês de Rollebon é tido como justificativa para sua existência, como algo que necessita ser feito por ele. Entretanto, ele começa a tomar consciência de seu desinteresse pelo empreendimento: “Já não estou escrevendo meu livro sobre Rollebon; isso terminou, já não *posso* escrevê-lo. Que vou fazer de minha vida?” (SARTRE, 2016, p. 130).

E então, Roquentin toma sua decisão:

Tomei uma decisão: já não tenho motivos para permanecer em Bouville, posto que desisti de escrever meu livro; vou morar em Paris. Sexta-feira, tomarei o trem das cinco horas, sábado verei Anny; creio que passaremos alguns dias juntos. Depois voltarei aqui para pôr algumas coisas em ordem e fazer minhas malas. Dia 1º de março, o mais tardar, estarei definitivamente instalado em Paris. (SARTRE, 2016, p. 182).

Roquentin já não conta com o livro sobre Rollebon e com Anny – após o encontro ter sido desastroso – como justificativas para existir, toma então consciência de sua liberdade de que se encontra livre para escolher:

Sou livre: já não me resta nenhuma razão para viver todas as que tentei cederam e já não posso imaginar outras. Ainda sou bastante jovem, ainda tenho força bastante para recomeçar. Mas recomeçar o que? Só agora compreendo o quanto, no auge de meus terrores, de minhas náuseas, tinha contado com Anny para me salvar. Meu passado está morto. O sr. de Rollebon está morto, Anny só retornou para me tirar toda esperança. Estou sozinho nessa rua branca guarneçada de jardins. Sozinho e livre. Mas essa liberdade se assemelha um pouco à morte. (SARTRE, 2016, p. 209).

Roquentin tem consciência de sua subjetividade e liberdade, reconhece a situação de desamparo na qual se encontra, e entra no desespero ao ponderar as possibilidades de sua decisão de não escrever o livro sobre a história do Marquês de Rollebon e de mudar-se para Paris:

Deus meu! Sou *eu* que vou levar essa existência de cogumelo? Que farei de meus dias? Passearei, irei me sentar nas Tulherias numa cadeira de ferro – ou antes, num banco, por economia. Irei ler nas bibliotecas. E depois? Uma vez por semana o cinema. E depois? Irei me permitir um charuto. *Voltigeur* aos domingos? Irei jogar *croqué* com os aposentados do Luxembourg? Aos trinta anos! Tenho pena de mim. Há momentos em que me pergunto se não seria melhor que gastasse num ano os trezentos mil francos que me restam – e depois... Mas o que me proporcionaria isso? Roupas novas? Mulheres? Viagens? Tive tudo isso e agora terminou, são coisas que já não invejo: considerando-se o que ficaria disso tudo... Em um ano me encontraria novamente tão vazio quanto hoje, sem uma lembrança sequer e acovardado diante da morte. (SARTRE, 2016, p. 229-30).

Encontra-se só, consigo mesmo, reconhece então a contingência. A náusea é a contingência do existir. Tanto uma vida de gastos quanto uma vida austera

fazem com que Roquentin se sinta mal, não por elas em si, mas pela ausência de escolha. Ele sente a necessidade de ter uma motivação, sente a necessidade de escolher, e, ao escolher, está criando a essência de sua existência.

Ao pensar em *Some of These Days*, Roquentin reflete sobre a cantora e o músico, que se eternizaram no momento, ambos seguiram a vida e durante sua existência foram realizando escolhas, e, prosseguindo assim até a morte, entretanto, o momento no qual a escolha levou (como possibilidade dentre o conjunto de possibilidades que tal escolha apresentava) com que a música fosse gravada, fez com que tal momento ficasse eternizado, tanto o foi que ele pode ouvi-la em um disco tocando em um café de Bouville.

Toma como alvo de reflexão o motivo que o levou até Bouville, no que conclui que errou ao tentar ressuscitar o Marquês de Rollebon, de forma a retratar sua vida de um ponto de vista historicista, ao fazê-lo, Roquentin estava retratando um Rollebon de má-fé, desprovido de contingência, de liberdade, preso nos moldes de uma rotina de diplomata. Pensa então de, no lugar de uma biografia, escrever um romance sobre Rollebon (com um Rollebon em aberto, livre para escolher):

Outro tipo de livro. Não sei bem qual – mas seria preciso que se adivinhasse, por trás das palavras impressas, por trás das páginas, algo que não existisse, que estaria acima da existência. Uma história, por exemplo, como as que não podem acontecer uma aventura. Seria preciso que fosse bela e dura como aço e que fizesse com que as pessoas se envergonhassem de sua existência. (SARTRE, 2016, p. 236).

Começa então a se questionar, não se atrevendo a tomar uma decisão, questiona-se se tem talento para escrever tal tipo de livro, angustia-se perante a decisão, é tentado a agir de má-fé, entretanto, se dá conta que o romance pode eternizar o momento tal qual a cantora de *Some of These Days*. Assim se decide, na decisão de escrever Roquentin transcende, escreverá sobre um Rollebon livre, cujo destino não está pré-determinado nos documentos da biblioteca de Bouville, um Rollebon que deverá escolher, sujeitando-se a possibilidade da angústia, do desamparo e do desespero, que poderá ser tentado a agir de má-fé, um Rollebon que deverá transcender, livre para decisões assim como o romance sobre Antoine Roquentin.

SARTRE, J.-P. O existencialismo é um humanismo. In: _____ . Os pensadores. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 3-32.

_____. A náusea. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.